



PROFESSORES QUE MARCAM VIDAS

Fernanda Bonfim de Oliveira; Carolina de Fátima Guimarães

Instituto Federal Goiano – Câmpus Urutaí

fernanda.oliveira@ifgoiano.edu.br; carolina.guimaraes@ifgoiano.edu.br

Resumo: Muito se tem discutido sobre a relação professor-aluno e no que se refere a tal, busca-se fazer uma análise sobre aspectos que pode contribuir de forma positiva para essa relação, uma visão sobre a perspectiva discente no processo de ensino-aprendizagem. A mediação se dá nas interações sociais, e as mesmas possibilitam ao indivíduo incorporação dos modos de pensar, de agir e se organizar como sujeito e o professor é o principal mediador na interação sujeito-objeto, ou seja, ele é o facilitador, motivador da aprendizagem. Se por muito tempo não se considerou que o aspecto afetivo e o cognitivo são inseparáveis, hoje já há estudos que comprovam essa dissociabilidade. Sendo assim, a afetividade também está presente nas interações sociais e influencia o desenvolvimento cognitivo. No ambiente escolar o principal mediador entre o objeto de conhecimento e o sujeito é o professor. Conforme for realizada essa mediação, implicações diretas elas terão na vida dos indivíduos, implicações boas ou ruins. O presente trabalho visou investigar alguns professores que marcaram positivamente a vida de seus alunos com a sua atuação docente. Cinco sujeitos fizeram memoriais relatando sobre esses professores que contribuíram para o desenvolvimento estudantil dos mesmos. Escolheu-se também um filme que aborda essa temática para se fazer análise da atuação docente. É necessário que o professor tenha condições, não só psicológicas, mas também sociais e culturais para desenvolver a mediação pedagógica de forma a marcar seus alunos positivamente. Os professores aqui apresentados deixaram marcas positivas em seus alunos por terem consciência de que o seu papel é importantíssimo para a formação de todos que passam pela sala de aula.

Palavras-chave: afetividade, mediação pedagógica, docência.

Introdução

As mediações pedagógicas podem destacar positivamente ou negativamente aos discentes que estão integrados ao processo de ensino-aprendizagem. Este trabalho visa destacar as mediações pedagógicas que marcaram positivamente a vida dos alunos. Não há como negar que pode provocar em alguns uma certa “saudades” da escola, dos professores, dos colegas de aula, porém, pode provocar em outros, aversão por não terem boas lembranças desse período de suas vidas.

Não se pode pensar em uma mediação eficaz sem vinculá-la à afetividade. A mediação se dá nas interações sociais, e as mesmas possibilitam ao indivíduo incorporação dos modos de pensar, de agir e se organizar como sujeito. É nas relações sociais que os aspectos afetivos e cognitivos se relacionam. É através da afetividade, presente nas relações e mediações que se possibilita o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

Discorremos nesse a importância da afetividade no processo de mediação, ou seja, na relação docente – discente, visto que o professor é o principal mediador no ambiente escolar. O



papel do professor no ambiente educacional será discutido dentro do âmbito da afetividade, considerando a relação que há entre o afetivo e o cognitivo.

Pensando-se na importância que existe na a relação aluno-professor esse trabalho se faz de relevante diante da contribuição para uma reflexão sobre a atuação docente a fim de alcançar melhores resultados no processo da mediação do conhecimento. Se, durante a atuação docente, conseguir-se marcar positivamente os discentes inseridos nesse contexto o resultado será benéfico para todos: uma sociedade consciente da importância do professor e alunos que saibam respeitá-los em sala de aula. O que se propõe nesse trabalho é refletir sobre aspectos na atuação docente de forma a contribuir para um melhor processo de ensino-aprendizagem levando em consideração a afetividade.

Metodologia

Trata-se de um trabalho de abordagem qualitativa de caráter exploratório visando dialogar com os sujeitos dessa pesquisa para obter os dados a serem analisados. A cada um dos indivíduos participantes foi solicitado que escrevesse um memorial (narrativa autobiográfica) a respeito de algum professor que no decorrer de sua trajetória estudantil o marcou positivamente. Essas narrativas continha características de comportamento, disciplina trabalhada e ações, do referido professor, que contribuíram para essas marcas. Os sujeitos escolhidos para essa pesquisa já concluíram a educação básica e cursam o curso de licenciatura, ou seja, serão também professores.

Utilizando também como instrumento para análise foi selecionado o filme “Mentes Perigosas”. O filme retrata a trajetória inicial de uma professora que precisa lidar com as diversas rebeldias dos alunos além de barreiras ligadas aos preconceitos raciais e sociais. Diante dessa difícil realidade ela busca outras estratégias para alcançar seus objetivos nesse processo de ensino e aprendizagem. Vê-se de forma explícita os elementos da construção de sua mediação pedagógica e a influência no desenvolvimento dos alunos.

Os dados foram reunidos, discutidos e analisados a fim de se obter fundamentos para uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de mediação do docente. Cada elemento apresentado visa possibilitar uma reflexão avaliativa sobre quais tipos de marcas que como docentes se deixam na vida dos alunos.

Mediação Pedagógica



Durante muito tempo não se considerava o aspecto afetivo relacionado ao cognitivo. O aspecto afetivo não era analisado dentro do ambiente educacional, entre professor e aluno. Contudo, pesquisas recentes mostram relação entre ensino aprendizagem e afetividade. Há dois autores, Wallon e Vygotsky. Ambos autores consideram que o aspecto afetivo e o cognitivo são inseparáveis. Defendem essa relação através das interações sociais dos indivíduos. A afetividade também está presente nas interações sociais e influencia o desenvolvimento cognitivo dos mesmos. Essa relação se dá pela mediação. Para Vygotsky mediação é “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”. (OLIVEIRA, 2009)

Segundo Flávia Regina de Barros, na escola o professor é o principal mediador na interação sujeito-objeto, ou seja, ele é o facilitador, motivador da aprendizagem, precisa criar condições para que os alunos se interessem pelo objeto (conteúdos escolares), tenham pensamento crítico, façam ligação do conteúdo com o seu cotidiano. Essa mediação que ocorre no ambiente escolar é denominada Mediação Pedagógica. Freire (1996, p.119) deixa clara a importância de uma mediação eficaz:

“Não é difícil compreender, assim, como uma de minhas tarefas centrais como educador progressista seja apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica”.

Os indivíduos se desenvolvem a partir das interações sociais. A mediação nas interações possibilita ao indivíduo apropriar-se dos objetos. No ambiente escolar o principal mediador entre o objeto de conhecimento e o sujeito é o professor. É essa mediação que definirá a relação do sujeito com o objeto, facilitando a aprendizagem ou causando receio no sujeito quanto tal objeto.

As atitudes do professor influenciam diretamente a relação do aluno com o objeto de conhecimento. São diversos fatores que envolvem essa mediação, oferecendo ao aluno condições de se desenvolver. Condições que vão de conteúdo à organização da sala de aula. Qualquer detalhe pode alterar a mediação do professor. Tudo deve ser planejado e organizado anteriormente.

Professores deixam marcas na memória de seus alunos conforme tipo de mediação do mesmo em relação à disciplina (objeto de conhecimento). Conforme realizada há implicações diretas na vida dos indivíduos, implicações boas, ou ruins. Professores que excluem a afetividade do



processo de mediação, geralmente, deixam marcas negativas e interferem negativamente nas escolhas do sujeito. Esses sujeitos marcados negativamente pela mediação sem afetividade criam barreiras entre o referente objeto e os mesmos. Possuem um processo de aprendizagem mais lento, e dificuldade nas séries posteriores em relação à mesma matéria. Essa marca negativa com tal disciplina só será apagada se algum professor, posterior a esse, tiver mediação diferente, com afetividade.

Quando a mediação se dá relacionada com a afetividade, as marcas deixadas são positivas. Os sujeitos conseguem lidar melhor com tal objeto, se sentem estimulados a prosseguir, a pesquisar. Sentem-se bem em fazê-lo.

A seguir mostra-se alguns relatos (memoriais) de alunos que foram oportunizados em receber a mediação entre o objeto de conhecimento com uma mediação docente que os marcaram de forma positiva. Cada relato demonstra como a afetividade pode contribuir nessa relação professor – aluno.

Memorial I

Ao longo de nossa vida estudantil, pequenos e grandes acontecimentos marcam nossa identidade, influenciam nossas escolhas, deixam boas ou más lembranças. Uma pessoa que marcou muito minha estrada estudantil foi o professor de matemática, Francisco, mais conhecido pelos alunos como “Chicão”. Era uma lenda viva, pois pais de colegas meus que já haviam sido alunos dele. Na quinta e sexta série ele ministrou aulas na minha classe. Confesso que não gostava muito dele, na verdade eu não me importava muito em conversar com o professor, tinha vergonha de fazer perguntas, mas era uma boa aluna, tirava boas notas e entendia a matéria. Na sétima série, eu passei por um período de dificuldade, não só em matemática, em outras matérias também. Nesse ano o professor de matemática não era o Francisco, fui levando o ano, consegui passar para o oitavo ano e me encontrei novamente com o Chicão.

Dessa vez parecia que as coisas haviam mudado a minha visão sobre o professor, eu passei a gostar dele de verdade, antes não tinha nada contra, contudo também não havia interesse em aula de matemática. As matérias daquele ano eram melhores e o professor explicava muito bem e se necessário explicava mais de uma vez. Perdi as contas de quantas vezes ele nos ensinou sobre triângulo retângulo, hipotenusa, cateto oposto, cateto adjacente. Talvez eu não me lembre dos detalhes agora, mas as explicações serviram demais para mim. Chicão era exigente, lembro-me que sempre que a turma estava conversando demais ele começava o seu discurso com a frase: “*Não tem*



como assoviar e chupar cana ao mesmo tempo”, pedindo para todos prestarem atenção porque não poderia dar aula com tanta bagunça. Também não permitia que mascassem chiclete, se visse alguém o fazendo, parava a aula e pedia para que o mesmo jogasse o chiclete no lixo e, então, sua famosa frase era novamente dita.

Eu gostava da maneira que ele conduzia a turma, todos tinham muito respeito pelo professor. Ele sabia ministrar a aula, sabia a matéria, sabia o que estava fazendo na sala de aula, tinha autoridade, era amigo dos alunos, apesar de ter uma fama de durão na escola, não era um carrasco, nem usava de autoritarismo. Sempre que chegava algum aluno novato, ele perguntava o que a pessoa já havia aprendido até aquele momento, de qual escola veio, dava boas vindas e se o aluno precisasse, ele ajudava.

O que ficou para mim do Chicão foi o respeito por ele como professor, como pessoa que se importa com todos igualmente, como o indivíduo que queria ali, na sala de aula, cumprir o seu papel (missão) de ensinar, foi despertado em mim também o gosto por matemática, o que fez com que eu não odiasse essa disciplina pelo resto da vida.

Memorial II

A professora “C” sempre se mostrou uma pessoa calma, tranquila e amiga, sem deixar de impor sua autoridade e de exigir respeito dos alunos na sala de aula, brincava com os alunos fazendo piadas com o modo de se vestir e de se comportar, mas procurava não ofender o aluno ela brincava com quem sentisse liberdade. Tive muita dificuldade para me adaptar com o seu jeito meio palhaço e descontraído, pois nunca tinha conhecido uma professora assim que brincasse com os alunos e ao mesmo tempo conseguia ensinar o conteúdo com autoridade, com conhecimento pleno e total do assunto ministrado em sala de aula.

Conheci a professora no 3º ano do ensino médio e tive a oportunidade de aprender a matéria que ela lecionava: Língua Portuguesa. Minha relação com ela foi sempre tranquila, me ajudou a melhorar o domínio da matéria e a fazer redações com coerência e coesão alcançando assim uma melhor capacidade crítica e argumentativa. Sua forma de nos ensinar era divertida, descontraída, ela sempre levava revistas e jornais para que encontrássemos alguma coisa interessante para nos fazer pensar em nossa vida e nosso futuro, como poderíamos mudar a sociedade. Às vezes ela pedia para fazermos trabalho em grupo e fazer uma apresentação e outras vezes fazer uma dupla e resumir um texto ou elaborar uma redação fazendo que um ajudasse outro.



A professora sempre perguntava se alguém tinha dúvida, se houvesse alguma ela explicava dando exemplos práticos facilitando assim a compreensão da matéria. Ela gostava muito de brincar. Sempre “pegava no meu pé” quando eu chegava atrasado, eu virava então a cobaia da explicação, mas nunca me importei, eu até gostava, pois assim evitava chegar atrasado da próxima vez.

Certa vez nos levou para a biblioteca universitária para o lançamento de um livro de poesia, de um ex-aluno seu e foi interessante, pois conhecemos um pouco do mundo dos autores, como é difícil o começo da carreira de um escritor num país em que não há o hábito de ler, não há incentivo. Ela procurava despertar em nós o desejo da leitura, também procurava trabalhar os livros do vestibular em sala de aula já nos preparando para a prova mais difícil de nossas vidas.

Foi um ano muito bom onde eu cresci muito e agreguei muitas experiências e valores. No fim do ano vi que tinha passado um ano inteiro muito rápido e eu já estava perto da formatura, foi quando ela me perguntou se eu já tinha par para dançar no baile de formatura, respondi que não, então ela me disse que dançaria comigo, foi muito legal. Percebi que além de conhecer uma pessoa maravilhosa e uma excelente profissional eu também ganhei uma amiga. A festa de formatura foi muito boa, tive não só a oportunidade de dançar com ela, como também de aprender a dançar valsa, pois eu não sabia. Na festa também conheci seu esposo, realmente aquele foi um momento lindo que pude celebrar com amigos, familiares, professores e colegas de sala de aula.

Memorial III

Conheci no primeiro ano do ensino médio, uma professora de Espanhol que teria sua imagem e lembrança guardadas em minha memória. Uma mulher de meia idade, estatura mediana, cabelos pretos sobre os ombros, voz suave, olhar atenuado pela delicadeza de sua sobrancelha, trajar sutil e elegante que valorizava as formas do seu corpo sem ser extravagante, sua face tão delicada que não aparentava ter meio século de experiência, ou quase, uma pessoa tranquila que cativava por sua paciência, seu afeto e serenidade.

Uma pessoa que ao entrar na sala conseguia a atenção sem ser ríspida, conquistava porque tratava os alunos como filhos e não órfãos abandonados pelos pais, pois tinha em sua consciência a ideia de que a escola é como um segundo lar, uma segunda casa. Sua atuação docente sempre foi com o propósito de ensinar, de educar e de compartilhar para que os alunos se transformassem em adultos conscientes e responsáveis. Explicava os conteúdos de forma que todos pudessem entender, mesmo que fosse necessário explicar dezenas de vezes. Era atenciosa e exercia a sua profissão com



amor, mas nem sempre recebia o retorno que merecia, contudo não permitia que essas situações modificassem a sua forma de ensinar.

Todas as marcas deixadas por ela em minha memória são positivas, entretanto, há um episódio que sobressai a todos, mostrando-me que ela ensinava por amor. A escola passava por um momento de transição de metodologia de ensino e os alunos estavam se adaptando a mesma fazendo com que os professores não obtivessem o retorno esperado. A professora de espanhol passou um trabalho em grupo e pediu que, se possível, esse fosse apresentado em espanhol, devido a transição de metodologia e o descaso de alguns alunos os trabalhos não tiveram desempenho que a professora esperava, seu rosto refletia desestímulo de tanto trabalho e nenhum retorno.

Vendo aquela situação meu grupo tomou posição para apresentar, iniciei a exposição em espanhol e conforme decorreu a apresentação ficamos assustados, lágrimas desciam pelo seu rosto e não entendíamos o motivo, paramos a apresentação, mas ela pediu para que prosseguíssemos, mesmo com receio demos prosseguimento. Terminada a mesma, enxugando suas lágrimas e com sua voz calma ela disse “Eu sabia que meu trabalho aqui não era em vão”. Naquele momento percebi que sua principal marca era o amor. Amor pelo que fazia, porque o fazia com propósito. Amor pelo que ensinava, pois o fazia com paciência. Amor pelo que acreditava, porque acreditava que ajudaria a transformar a vida de cada aluno, ajudar a cada um se tornar um adulto respeitável. Através de seu olhar pude compreender que o papel do professor não é somente lembrado por grandes feitos, mas também por pequenos e sinceros gestos.

Memorial IV

R. F. é uma mulher de estatura mediana, cabelos curtos, em seu rosto a demonstração de um passado conturbado, cheio de tristeza. Mas isso não interferiu no seu profissional, e sim no seu afetivo-familiar. Determinada nos seus ideais, que visa o bem estar dos alunos. Diferencia-se de outros profissionais na área, pelas inovações e a prática dos mesmos. Comporta-se de forma ética respeitando as regras e limites, dedicada, amiga, rígida, dinâmica e por ser atenciosa conquistou o carinho de muitos alunos.

Muitos professores de Educação Física não importa que os alunos aprendam outros esportes como ginástica, atletismo, dança e outros. Para maioria, basta entregar a bola de futebol, vôlei que a aula está dada. Mas para essa mulher não. Suas aulas bem elaboradas possibilitavam que o aluno obtivesse conhecimento e prática de diversas modalidades esportivas. Seu modo rígido, mas ao mesmo tempo amiga cativou a confiança, respeito e carinho pela grande maioria dos alunos.



Tive a oportunidade de ser aluna dela do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Foram três anos que proporcionaram bastante conhecimento referente à prática de projetos inclusivos como dança com cadeirantes e festivais de artes, com apresentação de todos os alunos.

A dedicação com o exercício das atividades disponibilizadas pela Secretaria da Educação e outros órgãos, são feitos de formas admiráveis. Em seu carro, incansavelmente, levava os alunos para os treinos, por ela auxiliados, e depois deixava os mesmos em suas respectivas casas. Se algum aluno passasse mal, dava assistência, mesmo se aula não fosse sua. Se percebesse comportamentos estranhos buscava ajudar no que preciso para que o aluno não obtivesse queda de rendimento.

Ao realizar este memorial percebi que ao exercer a função de professora e estagiária, mesmo atuando por parte do tempo na Educação Infantil levei para o meu profissional características semelhantes à desta professora. Observando assim a importância e influência que ela teve na minha formação e no profissional que hoje sou.

Memorial V

Nunca tive muita dificuldade com matemática, mas, no segundo ano do meu ensino médio, tive o prazer de conhecer um professor que despertou ainda mais o meu prazer por essa disciplina. Um professor que, com certeza, não pode ser esquecido em minha jornada estudantil.

Alta estatura, olhos castanhos. Seus cabelos grisalhos refletem os anos de experiência docente. Seu jeito firme de falar, sem ser rígido, prende a atenção dos alunos para a aula. Possui um jeito de ser que cativa a todos. Seu andar calmo e tranquilo não o torna mortiço. Sabe ser passivo sem deixar a sala de aula em desordem.

É perceptível que não está na docência pelo simples fato de estar, porque o vive com tamanha vontade que não deixa dúvidas do seu papel como docente. Não possui nenhuma metodologia inovadora, contudo ministra a aula de forma que poucos o fazem. Seu domínio sobre o conteúdo explicado facilita a explicação, fazendo de uma simples aula um momento prazeroso para aprender.

Seu papel de docente não se prende ao explicar do conteúdo, como é visto em muitos outros professores, mas se estende ao papel de mestre. Ele é capaz de parar a aula e atrasar seu cronograma de aulas simplesmente pra explicar a dúvida, talvez sobre uma simples vírgula, de apenas um aluno que esteja interessado em aprender. Possui tamanha atenção que já parou uma aula e ficou após o seu horário de trabalho para me esclarecer uma dúvida, que para alguns alunos



poderia ser simples, mas para mim era algo quase impossível. Essa atitude marcou e fez muita diferença em minha vida.

Aquela aflição e medo dos números e equações, antes presentes não somente em mim, mas em muitos outros alunos, esse professor-mestre conseguiu transformar em desafio a ser vencido, em vontade de aprender. Ele transmitiu muito anseio de lutar, e não apenas no lápis e no papel, mas na longa caminhada da vida que começávamos a traçar naquele momento.

Mentes Perigosas

Mentes Perigosas é um filme estreado em 1995. Conta a história de uma professora que enfrentará desafios ligados a atuação docente diante de uma turma de adolescentes de uma região da periferia. Um filme que retrata o sistema educacional americano, porém o que se busca analisar no mesmo é a atuação docente ligada à afetividade.

A professora LouAnne Johnson demonstra ser uma mulher passiva, que se insere no ambiente educacional cheia de fôlego e energia para ensinar. Apresenta-se prontamente para exercer sua função de docente. Mostra-se calma, paciente e, principalmente, persistente. Não mede esforços para que seus objetivos sejam alcançados. Não desamina diante dos obstáculos que surgem em sua jornada docente.

Aos poucos foi conhecendo a turma a qual ministraria sua disciplina. Observava cada aluno, sem fechar olhos para os problemas de cada um deles. Mostrava que eram capazes de terem um futuro melhor, pois, mesmo que inconsciente, tinham esperanças de que algo poderia mudar em suas vidas. Optaram ir à escola e não pelo mundo das drogas ou criminalidade.

Os meios comuns de ensino não funcionavam com aquela turma e, por isso, ela buscou meios que fosse possível ensinar. Pesquisou como conseguir prender a atenção dos alunos para a disciplina, pois o desinteresse era total por parte dos mesmos. Por várias vezes a professora foi advertida por não seguir o Currículo indicado pelo Conselho de Educação e as diretrizes da escola. Não porque ser uma pessoa indisciplinada, mas por ver que aquelas normas não estavam de acordo com a realidade ou com o que era necessário para os alunos, pois nem material disponível para atividades em sala de aula havia.

Possuía grande interesse por poesias, e afirmou que se cada aluno lesse poesias eles estariam prontos para qualquer situação. Sua intenção era despertar neles o gosto pela leitura, por isso escolheu poesias que tivesse temas mais próximos da realidade daqueles adolescentes. Bob Dylan era um dos autores que ela sempre destacava.



Ao entrar na sala, não o fazia simplesmente para cumprir sua obrigação e receber seu salário. Mas o fazia com o propósito de que cada um aprendesse, questionasse e se tornassem críticos, respeitando a individualidade e afetividade necessária para uma eficaz relação docente – discente. Sua aula não era monótona, mas enérgica, interativa, dando oportunidade para todos participarem, opinarem. Preocupava-se com cada um deles, não só que aprendessem, mas que se tornassem adultos responsáveis, capaz de ter um emprego digno. Sua relação com seus alunos não se restringia ao ambiente escolar.

Com o decorrer do tempo os alunos perceberam que diante deles havia uma pessoa comprometida, diferente de muitos que haviam passado por aquela turma. Uma pessoa que passou a ser respeitada por seus atos, sua preocupação, que despertou o interesse de todos em serem leitores, entenderem, terem uma visão crítica. Que nunca disse nada que os recriminassem, que os fizessem se sentir menores, pois sempre mostrava novas possibilidades, mostrava que havia um futuro pela frente e poderia ser melhor do que eles esperavam.

Considerações

Analisando os dados dessa pesquisa observa-se que em todas as figuras de professores marcados positivamente há, principalmente, o comprometimento de cada um em ensinar. Todos mostraram desejo real pelo ensino, preocupação com o aprendizado de cada aluno que diante deles se encontravam. A dedicação de cada um não se limita a ministrar a aula, virar as costas e dar a tarefa por cumprida, vai além. Além de uma simples aula, além de uma simples tarefa, ou uma simples prova. Disponibilizam-se a tirar dúvidas, a educar, a compartilhar, a serem mais que professores, a serem companheiro de seus alunos. É perceptível o quanto um simples detalhe faz a diferença. Coisas que parecem ser mínimas refletem de forma marcante na vida dos alunos.

É necessário que o professor tenha a consciência de que fazem parte da formação, não só para a vida acadêmica, mas também pessoal de seus alunos. Conforme explica Freire (1996, p. 97), “Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com o meu desempenho”.

Os professores aqui citados apresentam algumas características comuns. São docentes passivos com os alunos, não usam do autoritarismo em sala de aula. Como afirma Freire (1996, p. 97), “se a minha opção é democrática, progressista, não posso ter uma prática reacionária,



autoritária, elitista”. São profissionais que se importam com seus alunos e fazem o que podem para contribuir para o desenvolvimento dos mesmos.

Quando a mediação acontece da maneira certa pode implicar diretamente o processo de desenvolvimento e aprendizado do aluno. Quando marcado positivamente o aluno desperta interesse maior pela disciplina. Estuda, não por obrigação, mas por ser prazeroso. O aluno começa a ter mais facilidade naquela disciplina. Quando marcado negativamente o aluno pode criar aversão, não só pela disciplina, mas pelos estudos em geral. Ele se sente desmotivado, e não sente o desejo de estudar e, quando o faz, faz por obrigação.

A professora citada no memorial III tem um aspecto interessante, “tratava os alunos como filhos”, demonstrando assim a afetividade sempre presente em suas atitudes. Max Marchand (1985, p. 93) afirma que:

“É sobretudo o mestre que pode, mudando de atitude, provocar um aperfeiçoamento da relação afetiva. Toda pedagogia desta relação leva, pois, em última análise, a uma formação do mestre que se preocupe, principalmente, com o aspecto afetivo. É preciso primeiro, pedir ao mestre que lute contra a tendência de considerar os alunos como abstrações ou nomes inscritos no livro de matrículas. É preciso, também, resistir à mania de classificá-los, em definitivo, neste ou naquele grupo, negando-lhes suas possibilidades de mudança”.

Possibilidade de mudança, este é um aspecto marcante em todos os memoriais e na análise do filme. Os professores despertaram nos alunos a capacidade crítica e argumentativa, não sendo colocado em questão somente o conteúdo, foram além, demonstraram como a disciplina pode fazer parte do cotidiano, auxiliando na construção do pensamento reflexivo, e como o aprendizado em sala de aula pode refletir na vida em sociedade.

No caso do filme, por exemplo, a professora LouAnne, queria mostrar aos alunos que mesmo que eles morassem na periferia e que a criminalidade, a violência e as drogas mostrassem somente um caminho a seguir, havia possibilidades sim, de se ter um futuro diferente, terminar a educação básica e ingressar em uma universidade.

É necessário que o professor tenha condições, não só psicológicas, mas também sociais e culturais para desenvolver a mediação pedagógica de forma a marcar seus alunos positivamente. A realidade da maioria das escolas é bem diferente do que se precisa para uma mediação favorável ao aprendizado do aluno, porém, o professor sendo o principal personagem dessa mediação, precisa ter uma postura de interesse em inovar sua metodologia de acordo com a necessidade dos alunos. É de suma importância também qualificação e pesquisa contínuas, pois é preciso conhecer as possíveis



ações que permitem ao professor ter uma mediação pedagógica eficaz e que deixe no aluno marcas positivas.

Com base no exposto acima, pode-se defender que os professores em questão deixaram marcas positivas em seus alunos por terem consciência de que o seu papel é importantíssimo para a formação de todos que passam pela sala de aula. O ideal, a responsabilidade, o gostar de ensinar, o respeito, a interação, a postura, o caráter, a autoridade, a paciência, a tranquilidade, são algumas das características que fazem do professor um agente formador de indivíduos capazes de exercer cidadania.

Referências

BARROS, F.R. Mediação e afetividade: histórias de mudanças na relação sujeito-objeto. In LEITE, S.A.S. (Org.). Afetividade e práticas pedagógicas. 1º Edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DIAS, Marli Mendes. O lugar da afetividade no cotidiano escolar. São Paulo: 2007. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opinião.php?. Acesso em: 25 jun. 2009.

FREIRE, PAULO. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

FALCIN. D.C. Afetividade e condições de ensino: histórias de professores inesquecíveis. In: LEITE, S.A.S. (Org.). Afetividade e práticas pedagógicas. 1º Edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FONTANA, Roseli Ap. Cação. Mediação Pedagógica na Sala de Aula. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. – São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

MALDONADO, Maria Tereza. Aprendizagem e afetividade. Revista de Educação AEC, v.23, n.91, p.37-44, 1994.

MARCHAND, MAX - A afetividade do educador. (tradução de Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbanti e Antonieta Barini; direção da coleção Fanny Abramovich). - São Paulo: Summus, 1985.

MENTES perigosas. Direção: John N. Smith , Produção: Jerry Bruckheimer e Don Simpson. Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 1986, 1 DVD.

MOYSÉS, Lúcia Maria. O desafio de saber ensinar. Campinas, SP: Papirus, 1994. p.25.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p.74,104.